Valtair Afonso Miranda

DANIEL

Resistência no presente e esperança para o futuro

Comentário Bíblico Latino-Americano

AMOSTRA

ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

AMOSTRA

"Nem sempre Judite consegue vencer.
Em memória de Margarida Alves,
Ir. Adelaide,
Marta Baronetto,
Ir. Dorothy
e das muitas companheiras
que perderam sua vida
por causa do Reino."

SUMÁRIO

I- INTRODUÇÃO, 11
1.1. Um livro único na Bíblia, 12
1.2. O enquadramento narrativo, 13
1.3. Os apocalipses de Daniel, 15
1.4. Uma síntese histórica, 16
1.5. A recepção de Daniel no Novo Testamento, 24

II - A CORTE DA BABILÔNIA (DANIEL 1), 27
2.1. Resumo do texto, 28
2.2. Estrutura do texto, 28
2.3. Daniel 1:1-2 – A conquista de Jerusalém pela Babilônia, 29
2.4. Daniel 1:3-7 – Daniel e seus amigos como escravos na corte do opressor, 30
2.5. Daniel 1:8-17 – Daniel propõe um teste, 32
2.6. Daniel 1:18-21 – As consequências da educação na corte da Babilônia, 33
2.7. Pontes para o mundo contemporâneo, 35

III– O SONHO DE NABUCODONOZOR (DANIEL 2), 37
3.1. Resumo do texto, 37
3.2. Estrutura do texto, 38
3.3. Daniel 2.1-4 – Nabucodonosor revela uma ansiedade, 38
3.4. Daniel 2.5-11 – Os limites do poder da Babilônia, 39
3.5. Daniel 2.12-16 – O decreto de Nabucodonosor, 40
3.6. Daniel 2.17-23 – Oração e resposta divina, 41
3.7. Daniel 2:24-45 - Daniel revela o sonho e a interpretação, 42
3.8. Daniel 2:46-49 - A reação de Nabucodonosor, 44
3.9. Pontes para o mundo contemporâneo, 45

IV – A FORNALHA ARDENTE (DANIEL 3), 47
4.1. Resumo do texto, 48
4.2. Estrutura do texto, 48
4.3. Daniel 3:1-7 - A estátua de ouro, 49
4.4. Daniel 3:8-15 - A acusação contra os judeus, 50
4.5. Daniel 3:16-18 - A declaração dos três jovens, 51

AMOSTRA

4.6. Daniel 3:19-27- A fornalha de fogo, 51
4.7. Daniel 3:28-30 - A resposta do rei, 53
4.8. Pontes para o mundo contemporâneo, 54

V – O CASTIGO DE NABUCODOZOR (DANIEL 4), 55
5.1. Resumo do texto, 56
5.2. Estrutura do texto, 56
5.3. Daniel 4:1-18 - O sonho de Nabucodonosor, 56
5.4. Daniel 4:19-27 – A interpretação do sonho, 58
5.5. Daniel 4:28-33 - O castigo do rei, 61
5.6. Daniel 4:34-37- A restauração de Nabucodonosor, 63
5.7. Pontes para o mundo contemporâneo, 64

VI – O FIM DA BABILÔNIA (DANIEL 5), 67
6.1. O resumo do texto, 67
6.2. A estrutura do texto, 68
6.3. – Daniel 5:1-4 - O início da festa, 68
6.4. – Daniel 5:5-6 - A escrita na parede, 69
6.5. – Daniel 5:7-9 - Belsazar e os sábios da Babilônia, 70
6.6. – Daniel 5:10-16 - Daniel é convocado, 70
6.7. – Daniel 5:17-28 - A interpretação de Daniel, 71
6.8. – Daniel 5:29-30 - O fim de Belsazar, 73
6.9. Pontes para o mundo contemporâneo, 74

VII – A COVA DOS LEÕES (DANIEL 6), 77
7.1. Resumo do texto, 77
7.2. A estrutura do texto, 78
7.3. Daniel 6:1-3 - O Sucesso de Daniel, 78
7.4. Daniel 6:4-10 - Inveja e conspiração na corte, 79
7.5. Daniel 6:11-15 - A Conspiração em ação, 80
7.6. Daniel 6:16-23 - Daniel na Cova dos Leões, 81
7.7. Daniel 6:24-28 - A reação final do monarca, 82
7.8. Pontes para o mundo contemporâneo, 83

VIII– O APOCALIPSE DAS QUATRO BESTAS (DANIEL 7), 85
8.1. Resumo do texto, 85
8.2. Estrutura do texto, 86
8.3. Daniel 7:1-8 - A visão noturna dos quatro animais monstruosos, 86

AMOSTRA

8.4. Daniel 7:9-10 – O trono do Ancião Celestial, 89
8.5. Daniel 7:11-14 – O fim da opressão e o surgimento do Filho do Homem, 91
8.6. Daniel 7:15-18 – O anjo que diz sem dizer, 93
8.7. Daniel 7:19-22 – Foco na perseguição ou na libertação?, 95
8.8. Daniel 7:23-28 – Do domínio do caos para o reino dos santos, 96
8.9. Pontes para o mundo contemporâneo, 98

IX – O APOCALIPSE DO CHIFRE BLASFEMO (DANIEL 8), 101
9.1. Resumo do texto, 102
9.2. Estrutura do texto, 102
9.3. Daniel 8:1-12 – O carneiro e o bode, 103
9.4. Daniel 8:13-14 – A conversa do anjo, 104
9.5. Daniel 8:15-27 – A aparição do anjo Gabriel, 106
9.6. Pontes para o mundo contemporâneo, 107

X – O APOCALIPSE DAS SETENTA SEMANAS (DANIEL 9), 109
10.1. Resumo do texto, 110
10.2. A estrutura do texto, 111
10.3. Daniel 9:1-3 - A profecia dos 70 anos e a angústia de Daniel, 111
10.4. Daniel 9:4-14 - A confissão coletiva de pecados, 113
10.5. Daniel 9:15-19 - A súplica de Daniel, 114
10.6. Daniel 9:20-27 - Gabriel e as setenta semanas de anos, 114
10.7. Pontes para o mundo contemporâneo, 118

XI – A REVELAÇÃO CÓSMICA (DANIEL 10), 121
11.1. Resumo do texto, 122
11.2. Estrutura do texto, 122
11.3. Daniel 10.1-4 - Prelúdio da revelação cósmica, 122
11.4. Daniel 10:5-10 - A epifania do Homem com vestes brilhantes, 124
11.5. Daniel 10:11-21 - A revelação cósmica, 126
11.6. Pontes para o mundo contemporâneo, 128

XII – A REVELAÇÃO HISTÓRICA (DANIEL 11), 131
12.1. Resumo do texto, 131
12.2. Estrutura do texto, 132
12.3. Daniel 11:1-4 - Os reis da Pérsia e da Grécia, 132
12.4. Daniel 11:5-35 - Os reis do Norte e do Sul, 133
12.5. Daniel 11:36-45 - O rei que se exalta, 136
12.6. Pontes para o mundo contemporâneo, 137

AMOSTRA

XIII – A IMPLANTAÇÃO DO REINO DE DEUS (DANIEL 12), 139
13.1. Resumo do texto, 139
13.2. Estrutura do texto, 140
13.3. Daniel 12:1-4 - A esperança futura, 140
13.4. Daniel 12:5-13 - As palavras finais, 142
13.5. Pontes para o mundo contemporâneo, 144

XIV - HISTÓRIAS ADICIONAIS, 147
14.1. Oração de Azarias, 147
14.2. Cântico dos Três jovens, 148
14.3. Suzana, 149
14.4. Bel e o Dragão, 150

CONCLUSÃO, 153

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, 155

AMOSTRA

I - INTRODUÇÃO

Como é possível viver em um mundo tão violento, repleto de dor, desespero e morte, e ainda assim manter a fé em um Deus que é, ao mesmo tempo, bondoso e poderoso? Embora esse tipo de questionamento apareça mais frequentemente em livros como Jó ou em alguns salmos, há uma categoria especial na Bíblia que se dedica a essa questão: os apocalipses. Dois livros bíblicos se destacam nesse gênero: o Apocalipse de João, no Novo Testamento, e Daniel, no Antigo Testamento.

O livro de Daniel, em particular, com suas histórias e visões, apresenta uma forma de resistência em um mundo opressor. Não se trata de uma resistência armada, mas de uma que, com sabedoria, enfrenta adversários de todos os tipos. Essa forma de enfrentar o inimigo é diferente daquela usada pelos guerreiros de Davi nos tempos da monarquia, ou da guerrilha hasmoneia contra Antíoco IV Epífanes durante os anos de 167 a 160 a.C. Daniel rejeita explicitamente a violência como estratégia de combate, pois as armas do povo de Deus são de outra natureza. A resistência apresentada na obra daniélica propõe uma luta que abrange aspectos como o que comer, como orar e quando adorar a Deus (PACE, 2008). Até mesmo a simples escolha de um cardápio pode se tornar um ato de oposição aos poderes opressores.

A primeira metade do livro de Daniel foca nesse tipo de confronto, onde gestos cotidianos se transformam em atos de resistência. A segunda metade do livro, porém, muda de tom, revelando visões (capítulos 7 a 12) que garantem ao fiel que a vitória final de Deus sobre os poderes opressores é certa. É preciso aguardar com paciência, pois a libertação virá. Enquanto essa libertação não chega, Daniel ensina a encontrar um sentido para a vida no meio de situações dolorosas.

Embora o enquadramento interno de Daniel o situe entre o início da derrocada de Judá para a imperialista Babilônia, a partir de 605 a.C., e a ascensão do Império Persa em 539, suas histórias e visões transcendem esse contexto. O exílio entre os rios Tigre e Eufrates é visto como um modelo para as experiências de fé de qualquer época e lugar em que o povo

AMOSTRA

de Deus se encontra em situações de desconforto. A mensagem central para todos os leitores do livro é a promessa de que um dia o sofrimento terminará. Até que esse dia chegue, Daniel ensina como viver sob pressão, aproveitando-se dessa mesma pressão para alimentar a esperança por dias melhores.

Para Daniel, Deus está profundamente preocupado com o sofrimento do seu povo. Ele ouve suas orações, está atento às suas lutas e conduz a história para a solução de seus problemas. Assim como José do Egito esperou pelo tempo de Deus, os crentes devem esperar pela intervenção divina, que romperá na história e trará o seu reino.

Deus não fala diretamente no livro de Daniel, pois são seus emissários que falam por ele. Mas isso não significa sua omissão. Ele não está distante ou indiferente. Quando o momento chegar, os poderes deste mundo serão derrubados, e uma vida verdadeiramente plena se tornará realidade.

AMOSTRA

1.1. Um livro único na Bíblia

Segundo John Collins, um dos grandes especialistas no livro de Daniel na atualidade, essa obra apresenta algumas características únicas em comparação com outras obras bíblicas (COLLINS, 1984):

O historiador judeu Flávio Josefo (Antiguidades 10.11.7) testemunha que, na antiguidade, Daniel era considerado um profeta. Na Septuaginta (LXX), ele foi incluído ao lado de outros profetas, como Isaías, Jeremias e Ezequiel. No entanto, na Bíbliahebraica, Daniel aparece na seção dos Escritos, sendo o quarto livro antes do final da Tanakh, seguido apenas pelas obras do Cronista (Esdras, Neemias e Crônicas).

A versão da Septuaginta contém quatro passagens ausentes na Bíblia hebraica: a oração de Azarias, o cântico dos três jovens, a narrativa de Susana e a história de Bel e o Dragão. Essas seções foram preservadas no cânon da Igreja Católica, mas estão ausentes no cânon protestante. Em manuais protestantes, são denominadas de "apócrifas", enquanto em obras católicas, "deuterocanônicas". Para fins de organização, vamos comentar também essas passagens na parte final deste comentário bíblico, não necessariamente no lugar em que se encontram.

O livro é bilíngue, escrito em dois idiomas: as seções de Daniel 1:1-2:4a e 8-12 estão em hebraico, enquanto Daniel 2:4b-7:28 foi preservado em aramaico.

Daniel possui dois tipos de materiais formalmente distintos. Os capítulos 1 a 6 contêm narrativas de corte, enquanto os capítulos 7 a 12 são apocalipses. Isso significa também que ele é o único livro apocalíptico da Bíblia hebraica, e, talvez, o "pai" de todos os demais apocalipses.

Os temas dos dois grandes blocos também variam. Na primeira parte (capítulos 1–6), a questão central é como os judeus poderiam viver em diáspora sob dominação estrangeira, com a busca de uma forma de prosperar nesse contexto. Já a segunda parte (capítulos 7–12) foca em temas escatológicos, culminando na ressurreição dos mortos e no estabelecimento do Reino de Deus. A primeira parte visa encorajar as comunidades judaicas exiladas a se desenvolverem, enquanto a segunda busca fortalecer a esperança em meio à perseguição estrangeira.

O tom dos dois blocos igualmente difere. O livro como um todo prega a fidelidade à lei de Deus, mesmo diante da ameaça de morte. Na primeira parte da obra, há um convite a ser fiel apesar da servidão aos poderes estrangeiros, com uma atitude até amistosa e otimista, sugerindo que os fiéis podem abençoar de alguma forma a sociedade adversária, e mesmo crescer dentro dela. Já na segunda parte, o tom muda radicalmente, refletindo um confronto direto com os poderes opressores. As visões apocalípticas que compõem essa seção são pessimistas em relação ao relacionamento com os monarcas, e espera apenas o pior da parte deles. Por isso, invariavelmente elas terminam com a notícia da intervenção de Deus na história para julgar os tiranos e recompensar os oprimidos.

AMOSTRA

1.2. O enquadramento narrativo

Ampliando um pouco mais o último parágrafo, as duas partes de Daniel são bem distintas do ponto de vista literário e narrativo. Os capítulos 1 a 6 reúnem uma série de episódios que retratam a vida de Daniel e seus companheiros Ananias, Misael e Azarias, funcionando como um modelo de resistência para os judeus exilados, assim como o livro de Ester. Essa primeira parte oferece uma instrução moral para aqueles que vivem sob

opressão, proporcionando aos judeus da diáspora um exemplo de como manter a fé e resistir às pressões impostas pelos poderes dominantes e regimes totalitários.

Essas histórias refletem a realidade do exílio, onde a vida dos fiéis era marcada por constantes ameaças. Sob o domínio de reis caprichosos, a segurança era inexistente e a morte podia vir a qualquer momento. A metáfora do salmista, que descreve a "sombra da morte" (Sl 23.4) como uma companhia constante, expressa bem a fragilidade da vida desses exilados, que viviam em permanente estado de alerta. O livro de Daniel, portanto, oferece uma resposta: em tempos de tanta incerteza, a resistência se constrói através da solidariedade entre irmãos, da manutenção das tradições ancestrais e da atenção cuidadosa à vida comunitária.

Na segunda parte, nos capítulos 7 a 12, o livro muda de tom e adota um estilo apocalíptico. Essa seção contém quatro visões proféticas, quatro apocalipses, interligados e compostos por símbolos complexos para descrever tanto eventos históricos quanto transcendentais. Através de imagens de animais monstruosos e figuras simbólicas, como as cláusulas temporais, o texto retrata a batalha cósmica entre o bem e o mal e revela a estrutura do mundo divino e seu futuro. Ao fazer isso, mostra que Deus tem um plano, mesmo em meio ao caos. Há uma revelação de uma teologia da história, onde o sofrimento e a opressão presentes são compreendidos à luz do governo divino sobre todas as coisas.

É o que o sociólogo Peter Berger chamou de teodiceia apocalíptica (BERGER, 2004). Deus não é indiferente ao sofrimento do oprimido. Sua justiça se manifestará, e o mal será derrotado. O sofrimento atual, embora cruel, é um sinal de que a libertação está próxima. Essa escatologia aponta para uma inversão futura e gloriosa, onde os pobres e oprimidos, aqueles que tiveram seus direitos usurpados, serão vindicados. Mesmo os que já morreram ressuscitarão para participar dessa nova realidade, onde a terra será restaurada e o povo de Deus finalmente viverá em paz. O sofrimento atual, por mais intenso que seja, é temporário, pois a justiça divina triunfará no fim.

AMOSTRA

1.3. Os apocalipses de Daniel

A visão dominante entre os estudiosos é que Daniel é um livro apocalíptico (COLLINS, 1984; PACE, 2008; SILVA BERMÚDEZ, 2014; LUCAS, 2023; SEGAL, 2016). A seção de narrativas não retira dele esse status. Na prática, elas exercem mesmo a função de dar o enquadramento das visões. Mesmo assim, neste comentário usamos às vezes a expressão no singular (Apocalipse de Daniel) ou plural (apocalipses de Daniel), dependendo da ênfase desejada.

Os apocalipses de 7-12 nasceram em momentos separados, apesar de dentro de um espaço de tempo curto (COLLINS, 1984). As visões dos capítulos 7 e 8 são visões na forma de sonho simbólico. O capítulo 9 é parecido com um midrash de uma profecia de Jeremias. A revelação dos capítulos 10-12 apresenta um anjo que revela um conteúdo profético a Daniel. As quatro visões são diferentes ângulos de uma mesma revelação apocalíptica. Isso significa que, se tomarmos as narrativas iniciais como o enquadramento histórico, e as quatro visões como parte de uma mesma revelação, o livro inteiro pode ser descrito como um apocalipse, especificamente do subgênero "apocalipse histórico", pois foca em eventos da história na direção de uma intervenção de Deus no futuro. A escatologia apresentada, nesse caso, é cósmica enquanto situa a história do povo de Deus no interior do cosmos inteiro, e é política no tom profético, ao assegurar que os poderes deste mundo possuem um caráter demoníaco e opressor.

Com relação ao contexto histórico do livro, a literatura disponível para os leitores está claramente dividida. De um lado, autores evangélicos tendem a situar o livro inteiro em um período que vai do início do exílio babilônico, até um pouco depois da conquista da Babilônia pelos persas (BALDWIN, 1983; SILVA, 1985). Autores críticos, por sua vez, dividem o texto em duas partes. A segunda, nos capítulos 7-12, surgiu em torno da profanação do templo durante as pressões de Antíoco Epifâneo, entre 167 e 164 a.C. A primeira parte teria uma origem anterior, possivelmente entre os exilados ou aqueles que retornaram do exílio (COLLINS, 1984; PACE, 2008).

Neste comentário, reconhecemos que essas duas abordagens têm potencial para estruturar o livro de Daniel, mas o uso que dele foi feito durante a história do judaísmo e do Cristianismo transcende esse dualismo

AMOSTRA

hermenêutico. Para evitar reducionismos desse tipo, vamos optar por uma reflexão que transita entre uma abordagem e outra, muito em função do público-alvo deste comentário. A professora Wendy Widder sugeriu chamar essa perspectiva hermenêutica de "tipológica", por levar em conta aspectos literários e históricos do livro, mas também o uso religioso que é feito dele pelos fiéis leitores, para quem a obra é a palavra de Deus para nortear a fé e prática (Widder, 2016).

Isso naturalmente nos leva ao lugar da atividade interpretativa. Textos bíblicos podem ser lidos em contexto universitário em busca de respostas a questões históricas, sociais, antropológicas, psicológicas etc. Também podem ser lidos no interior de uma comunidade de fé em busca da orientação divina. Esses lugares de leitura podem conduzir o leitor a interpretações e aplicações distintas dos mesmos textos bíblicos. É preciso entender cada um desses lugares como legítimos, mas com objetivos diferentes (MIRANDA, 2021).

Nossa sugestão de leitura busca considerar esses elementos, enfatizando a relação de Daniel com seu contexto narrativo e histórico, sem deixar de permitir ao leitor uma aplicação ao presente, ainda que por analogia. Além disso, a análise abre espaço para a perspectiva escatológica característica dos textos proféticos bíblicos, projetando-se no horizonte da história humana e promovendo a expectativa pela intervenção divina.

Falamos, então, de contexto narrativo e contexto histórico. Um apresenta as histórias do homem chamado Daniel; o outro descreve o enquadramento do livro que contém essas histórias. Vamos transitar entre um e outro com alguma frequência. Nesse sentido, o contexto narrativo começa provavelmente em torno do ano 605, quando Nabucodonosor teria levado um primeiro grupo de Judeus para o exílio, entre eles Daniel e seus amigos, e termina no terceiro ano da conquista de Ciro, o grande, em 537, pouco depois do edito de retorno dos exilados (BALDWIN, 1983).

1.4. Uma síntese histórica

O fim de Judá. O rei Josias morreu no ano 609 a.C., ao intervir num conflito entre egípcios e babilônicos (BRIGHT, 2003). Após sua morte, o reino de Judá entrou numa espiral de instabilidade que só termina com

AMOSTRA

a destruição completa da nação em 586. Logo após a morte do rei, seu filho, Jeocaz (609), assume o trono, mas por um período de apenas três meses. Ele foi deposto pelo faraó Neco II do Egito e levado para as terras do Nilo. O próprio faraó escolheu o novo rei, colocando no trono outro filho de Josias, Jeoaquim.

Jeoaquim governou de 609 até 598. Inicialmente posto no trono pelo governante do Egito, foi seu vassalo pelo menos até o ano 605. Nesse ano, Nabucodonosor realizou uma campanha vitoriosa contra o faraó no norte da Síria, descendo em direção ao sul para impor seu domínio sobre os demais poderes da Palestina, entre eles, Judá.

Embora as maiores deportações de judeus para a Babilônia tenham ocorrido em 597 e 586 a.C., é provável que em 605 a.C., ao retornar à Babilônia para assumir o trono após a morte de seu pai, Nabopolassar, Nabucodonosor tenha realizado uma deportação de membros da elite de Judá (BALDWIN, 1983). Entre esses deportados estavam nobres, oficiais, jovens talentosos e membros da família real. Daniel e seus amigos provavelmente faziam parte dessa leva de exilados.

Jeoaquim não impôs resistência e se tornou vassalo da Babilônia. Essa relação de vassalagem seguiu até 601, quando o rei de Judá conspirou contra Nabuconodosor. A resposta do rei babilônico veio em 598, com um cerco a Jerusalém. O rei morreu durante o cerco, provavelmente assassinado.

Após a morte de Jeoaquim, seu filho Joaquim assumiu o trono, mas também por um curto período de três meses. Logo após a cidade sucumbir ao cerco babilônico, Joaquim foi levado cativo, junto com muitos habitantes de Judá, para a Babilônia. Possivelmente, foi nesse exílio que Ezequiel também foi levado cativo, junto com outros sacerdotes e líderes do povo.

O último rei de Judá foi Zedequias, colocado no trono em 597 pelo próprio rei da Babilônia. Ele reinou até a queda do reino em 586 a.C. O novo rei era tio de Joaquim e governou como vassalo da Babilônia até se rebelar. Essa nova rebelião resultou no cerco final de Jerusalém, na destruição da cidade e do templo em 586 a.C., e no exílio da maior parte da população restante para a Babilônia. O rei Zedequias foi capturado e viu seus filhos serem mortos, antes de ter seus olhos perfurados. Em seguida, foi levado para o exílio. Com esse evento, Judá deixou de existir como um reino independente e foi incorporado ao Império Babilônico.

AMOSTRA

O domínio babilônico. Nabucodonosor (634-562) é o monarca mais famoso do Império Neobabilônico. Ele ascendeu ao trono no ano 605 após a morte de seu pai, Nabopolassar, que havia fundado o império em 626 a.C. Ele governou a Babilônia até sua morte, em 562. Suas campanhas foram responsáveis pelas levas de exilados retirados à força de Judá e instalados na Babilônia, pela destruição em 586 de Jerusalém, a capital do reino de Judá, e pela destruição do Templo de Salomão nesse mesmo ano. Esses eventos impactaram o povo de Deus de tal forma que praticamente dividiram sua história em antes e depois do exílio. Os quatro capítulos iniciais do livro de Daniel estão associados com esse período histórico.

Após um longo governo de 43 anos, Nabucodonosor morreu deixando o Império Babilônico em uma situação de instabilidade política. Seu filho, Amel-Marduque, reinou apenas de 562 até 560. Um de seus gestos em relação aos judeus foi libertar Joaquim, o deposto rei de Judá, o que pode demonstrar algum tipo de alívio sobre o cativeiro. Essa política, porém, não continuou, em função de seu assassinato por seu cunhado Neriglissar, que assumiu o poder.

Neriglissar reinou de 560 até 556. Ele se destacou como comandante militar durante o governo de Nabucodonosor. Como rei, ele focou em algumas campanhas que chegaram a expandir o controle da Babilônia sobre o oeste do Império. Após sua morte, foi sucedido por seu filho, Labashi-Marduque (556 a.C.), que reinou apenas por alguns meses. Foi deposto e morto em um golpe liderado por Nabonido.

É possível que Nabonido (556-539 a.C.) tenha se casado com outra filha de Nabucodonosor para legitimar seu governo, o que dá certa continuidade à dinastia. Apesar do longo período de governo, ele passou especialmente os últimos dez anos distante da política babilônica, deixando em seu lugar como regente seu filho, Belsazar. Esse afastamento é apontado como um fator para o enfraquecimento do Império, em função do vácuo de poder, o que facilitou a derrocada da Babilônia. Belsazar é o monarca que aparece em Daniel 5 e nas duas primeiras visões apocalípticas (Daniel 7 e 8). Com ele se encerra o Império babilônico (BALDWIN, 1983).

O domínio persa. Como personagem de destaque, há Ciro, o Grande. É difícil apontar a data do seu nascimento. As sugestões vão desde 600 até o ano 576. O ano de sua morte, entretanto, aparece com clareza nas fontes. Ele morreu no ano 530 durante uma campanha militar. Também sabe-se

AMOSTRA

que ele cresceu numa região chamada Persis, na parte oeste inferior dos rios Tigre e Eufrates. Seu pai, Cambises I, rei da Pérsia, era vassalo dos medos. Após a morte de seu pai, ele unificou as tribos persas e liderou uma revolta contra os medos, derrotando o rei Astíages em 550 a.C. e estabelecendo o Império Persa (REICKE, 1996).

Ciro conquistou a Babilônia em 539, implementando uma política em relação aos povos conquistados bem diferente em relação ao governo anterior. O Cilindro de Ciro, antigo artefato em escrita cuneiforme, provavelmente indica que uma de suas estratégias de legitimação de poder era respeitar as tradições dos povos sob seu domínio. Este trecho do Cilindro assim registra:

> Eu sou Ciro, rei do mundo, o grande rei, o poderoso rei, rei da Babilônia, rei de Sumer e Acádia, rei dos quatro cantos da Terra. Quando eu entrei em Babilônia de maneira pacífica, tomei posse do palácio real entre celebrações e alegria. Marduque, o grande senhor, moveu o coração dos habitantes da Babilônia a me aceitar, pois eu era agradável aos seus olhos... Eu aliviei o cansaço deles e libertei-os de suas tribulações. Os governantes de todas as regiões, desde o Mar Superior até o Mar Inferior, os habitantes da Babilônia e todas as suas terras, eu tratei de maneira pacífica... e garanti paz e segurança a todos os homens. Reinstalei nos santuários os grandes deuses que ali habitavam, em templos para sua alegria e honra. Reuni todos os seus habitantes e devolvi suas habitações. Decretei que todos os templos que haviam sido destruídos em outros locais fossem restaurados e ordenei que todos os povos deslocados voltassem para suas terras. Ordenei também que todas as imagens dos deuses trazidos para Babilônia por Nabonido fossem devolvidas e restauradas aos seus lugares de origem, para que eles pudessem habitar em suas moradas eternas. Eu sou Ciro, que estabeleceu as bases para a paz e reconciliação em Babilônia. Que todos os deuses que restabeleci em suas moradas sagradas se lembrem de mim e que intercedam por mim junto a Bel e Nebo para que meus dias se prolonguem. (KUHRT, 1983)

AMOSTRA